

COLEÇÃO MEMÓRIAS DA II GUERRA MUNDIAL
DE WINSTON CHURCHILL

HOJE GRÁTIS
8º LIVRO

USE O CÓDIGO
DE ACESSO
QUE ESTÁ NA
REVISTA E LEIA O
EXPRESSO DIÁRIO
SEM PAGAR
MAIS POR ISSO

HOJE 4º DVD
COLEÇÃO
VENCEDORES
& NOMEADOS
**O CLUBE
DE DALLAS**
POR APENAS
+ €5,95 (CONT.)

Fundador: Francisco Pinto Balsemão

Expresso

7 de março de 2015
2210 • €3,20

Diretor: Ricardo Costa
Diretor-Executivo: Pedro Santos Guerreiro
Diretores-Adjuntos: Nicolau Santos,
João Vieira Pereira e Miguel Cadete
Diretor de Arte: Marco Grieco

expresso.sapo.pt

Do lixo nasce carvão ecológico

Empresa de Oliveira de Azeméis cria biocarvão a partir de detritos florestais

Os restos de colheitas ou de árvores que já ninguém quer e a lenha resultante das podas florestais e depois desperdiçada, estão a ser aproveitadas por uma pequena empresa de Oliveira de Azeméis, a Ibero Massa Florestal, para criar biocarvão — um material limpo obtido a partir da carbonização daquela biomassa. Também conhecido por “biochar”, um neologismo inglês destinado a nomear este carvão de madeira, o produto

tem uma importante utilização agrícola, para a fertilização de solos pobres, embora esteja a ser cada vez mais usado em ambiente doméstico. Neste momento, e segundo dados fornecidos por Fernando Rocha, um dos responsáveis da empresa, existem em Portugal quatro milhões de toneladas de biomassa desperdiçada e sem qualquer aproveitamento energético. Uma das questões colocadas e que acabou por estar na origem da nova empresa passava pela tentativa de encontrar uma forma de transformar esses desperdícios florestais de forma não poluente, de modo a criar um material

rico em carbono, produtor de energia e capaz de aumentar a fertilidade dos campos.

No caso da empresa nortenha, a biomassa utilizada é acácia, austrália e mimosa, um importante infestante que há muito condiciona as florestas.

O biocarvão é obtido através do processo da pirólise. A lenha é colocada no interior de um reator sem oxigénio. Numa primeira fase é dado calor a partir do exterior. Após uma hora, explica Tiago Santos, diretor de produção, “temos gases voláteis que se inflamam, vão mantendo a chama e passam a assegurar a combustão”. Quando deixa de

haver gás inicia-se o lento processo de arrefecimento, num ciclo que tem, em média, uma duração total de oito horas. No final fica apenas o carbono, por tudo ter sido feito num ambiente de total ausência de oxigénio.

Mais amigo do ambiente

Enquanto o carvão tradicional, diz Fernando Rocha, “tem 20% de gases voláteis e uns 70% de carbono, este produto tem mais de 90% de carbono, não faz chama e não liberta qualquer gás”.

Embora a nível internacional o interesse na produção de biocarvão esteja centrado nos benefíci-

os que pode trazer para terrenos agrícolas pobres, em Portugal ainda não se entrou nessa fase e o biocarvão saído da Ibero Massa Florestal ainda é, em grande parte, para consumo doméstico.

Fernando Rocha constata, no entanto, que “os produtores de vinho do Douro estão cada vez mais conscientes da falta que lhes faz a introdução de um produto deste tipo, até para reduzir a incorporação de adubos químicos e de água”. Uma das outras consequências positivas, acentua, é que “um garrafão de vinho pode custar muito menos CO2”.

Embora por processos arte-

sanais, a ideia de queimar em condições especiais fontes ricas em carbono para aumentar as propriedades dos solos foi praticada desde a pré-história em zonas da Amazônia Central ou até no antigo Egito.

Neste momento, os principais grupos de distribuição vendem vinte mil toneladas de carvão tradicional por ano. O objetivo desta nova empresa é apresentar-se como alternativa e conseguir, pelo mesmo preço, substituir um produto poluente por outro com fortes características ecológicas.

VALDEMAR CRUZ
vcruz@expresso.imprensa.pt